

Laerte

Diário do golpe e do retrocesso

Texto:

Heloisa Buarque de Almeida
Departamento de Antropologia/PPGAS-USP

Imagens:

Laerte

No ano em que vivemos em perigo, as charges de Laerte poderiam resultar numa espécie de diário do golpe e do retrocesso na esfera dos direitos pelo qual o país vem passando. Publicando tirinhas e charges na *Folha de São Paulo* desde a década de 1980, inicialmente ao lado de seus colegas Angeli e Glauco (com quem publicou *Los Tres Amigos*), Laerte Coutinho se tornou uma crítica arguta de nosso tempo. Hoje, Laerte se escreve no feminino e mantém uma atividade política intensa e mesmo militante. Suas imagens sintetizam num só quadro inúmeras ideias, problematizando aquilo que no mesmo jornal pode ser noticiado de modo bem diverso nas outras sessões. Suas tirinhas na *Ilustrada* e charges políticas funcionam certamente como uma das vozes dissonantes, na aparente heterogeneidade que o diário paulistano precisa manter para ser fiel à sua imagem de marca como um “jornal plural”.

Uma característica das charges é a capacidade de condensação de ideias num só quadro. Publicada na *Folha de São Paulo* em abril de 2015, na semana em que a câmara havia aprovado a crescente possibilidade de terceirização nas empresas (mesmo para as atividades-fim), Laerte produz uma de suas charges mais geniais. A onírica sensação de absurdo na suposta liberdade e igualdade de condições num acordo trabalhista diante do contexto de crescente terceirização, e na mesa de negociações a desigualdade é expressa: trabalhadores empurrados ao abismo. Uma imagem, um só quadro, um traço conhecido e muito está dito, para bom entendedor. Acompanhando o cotidiano das notícias, a pena afiada de Laerte expressa a sensação de angústia e absurdo que se acena ao futuro. Na *Folha*, as imagens dialogam com a notícia, muitas vezes destoando totalmente do editorial do jornal e de suas manchetes. Numa edição, é muitas vezes pelas imagens de Laerte que vemos uma disputa de sentidos e de interpretação dos fatos políticos. No mês abril de 2015, a cena de Tiradentes à beira de ser enforcado sob os gritos de “vai pra Cuba” remete aos motes ouvidos nas ruas das cidades brasileiras em tempos de polarização política e

aumento da violência na expressão de opiniões.

A estrutura empresarial da mídia brasileira hegemônica depende do grande capital como anunciante e ainda das verbas de publicidade das diversas esferas de governo (municipal, estadual ou federal). De certo ponto de vista, além de outros fatores, tal contexto explicaria em parte por que as maiores mídias do país se desdobraram no apoio ao golpe de 2016; tiveram que ser mais cordatas com a figura de Temer, depois de configurado o impeachment, já que o governo federal tem uma verba publicitária polpuda, entre outras formas de pressão. A charge, entretanto, com maior liberdade de expressão, acusa e problematiza: em 13 de setembro de 2016, Laerte delineia os ares de monarca de Temer em sua pretensão autoritária, que recusa debates e consultas antes de tomar decisões polêmicas, relembrando ainda sua associação inescapável com Eduardo Cunha, que naquele momento já tinha caído do seu posto no congresso. Mas foi o evangélico e ex-radialista Cunha e sua articulação que possibilitaram o impeachment, ainda que pouco depois ele próprio tenha caído por ter sido denunciado por corrupção. Sua marca indelével colou na imagem do “rei”.

Laerte foi militante do Partido Comunista nos seus anos de estudante da escola pública em Pinheiros, São Paulo; foi estudante da Escola de Comunicação e Artes da USP em anos de intensa atividade política na década de 1970; e hoje é militante da causa trans e LGBT corporificada em suas tirinhas e personagens. Em suas tirinhas, foram as peripécias de Hugo-Muriel que abriram caminho para a experimentação simbólica do gênero – pelo que ela revelou em entrevistas.¹ Foi pelo seu questionamento e transição de gênero que eu a conheci pessoalmente.

As charges de Laerte promovem condensação e reflexão crítica no diário imagético do golpe. A maior parte das imagens aqui, entretanto, nunca foi publicada no jornal e não o poderia ser – no mínimo, por criticar a participação da mídia na produção do golpe parlamentar-midiático-empresarial. A própria ideia do “golpe” – leve como uma bicicleta, sem militares – ou do “governo” entre aspas destaca a disputa de sentidos em torno do que seria um governo legítimo. O pato só é compreensível quando se sabe o que ele significou em 2016: a oposição de certa elite empresarial federada na Fiesp ao governo Dilma, que seduziu muitos dos cidadãos indignados com a corrupção e convencidos pela própria campanha da mídia em apoio ao impeachment. Para Laerte, e para muitos de nós, esse impeachment foi o golpe.

Fora da imprensa comercial, a atuação da mídia é alvo de seu fio cortante e de sua pena afiada: o espetáculo de um programa como *Roda Viva*, da TV Cultura, transformado em uma espécie de release do governo e o temor de Temer ao nojo expresso nas redes sociais diante da sua figura. Pouco tempo antes, o *Roda Viva* havia exibido um programa em que, ao invés de uma entrevista, viu-se uma propaganda cuidadosa para amenizar a imagem do então recém-empossado presidente. A imprensa retratada nas charges produz prognósticos surreais e fantásticos que visam esconder a crise e opõe o governo Dilma ao governo Temer. São muitos os temas que Laerte

1 Sobre a forma como a transgeneridade de Laerte foi encarada pela mídia, e alguns dados de sua trajetória, particularmente quanto a questões de gênero e militância, cf. BUCCHIONI, Tulio H. de Aguiar. 2016. “Vestido de mulher”: uma investigação sobre a representação de gênero e sexualidade na mídia a partir do “caso Laerte”. Dissertação de mestrado, PPGAS, USP.

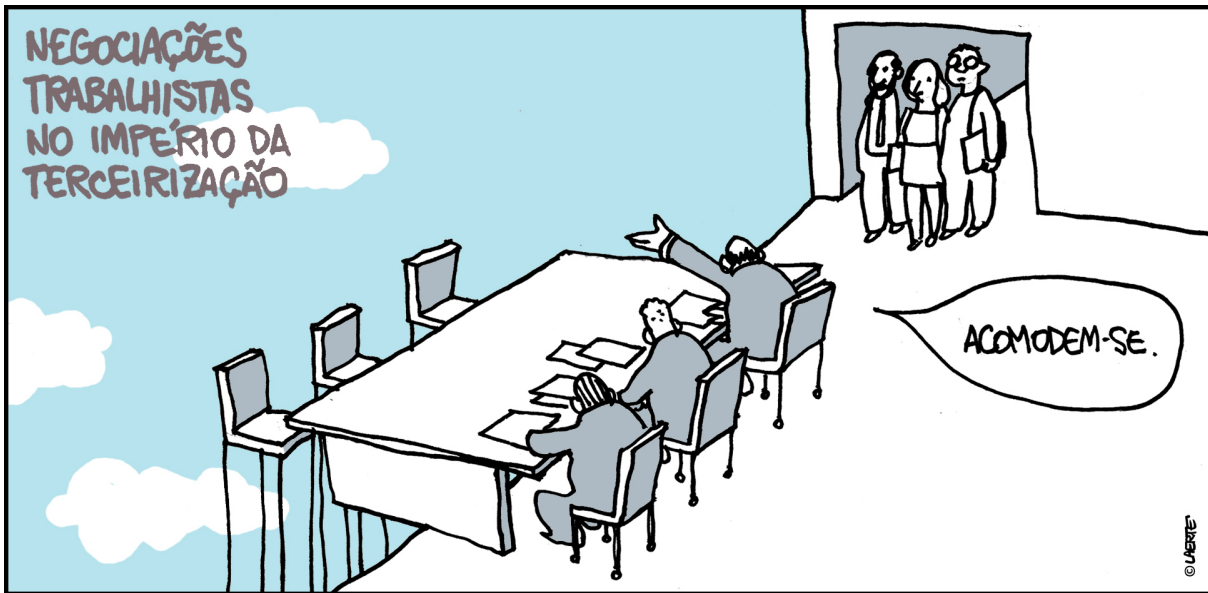
não deixa escapar: dos desatinos do juiz da Lava-Jato sob os holofotes da imprensa produzindo um perverso marketing político (esta também publicada na Folha em setembro de 2016); ou sobre a justiça guiada pelo cão raivoso que parece ter se tornado parte da opinião pública.

A imagem faz pensar. Condensa ideias e críticas. Resume aflições e sentimentos comuns que florescem nas páginas de minha bolha do Facebook ao lado das imagens produzidas por Laerte, afinada com as críticas da esquerda. Agradeço à Laerte por compartilhar aqui algumas de suas imagens. E por ser uma luz reflexiva e provocadora nessa escuridão temerosa de dias de retrocesso.

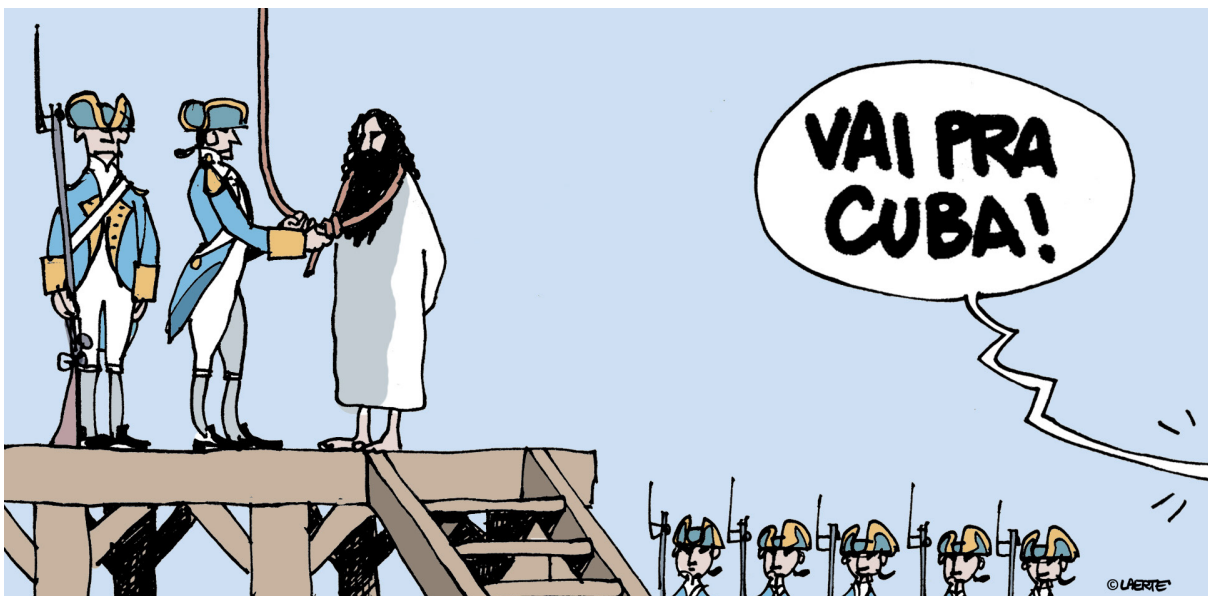
Recebido em 9 fev. 2016.

Aceito em 9 fev. 2016.





Publicada na Folha de São Paulo: Terceirização, 14/04/2015.



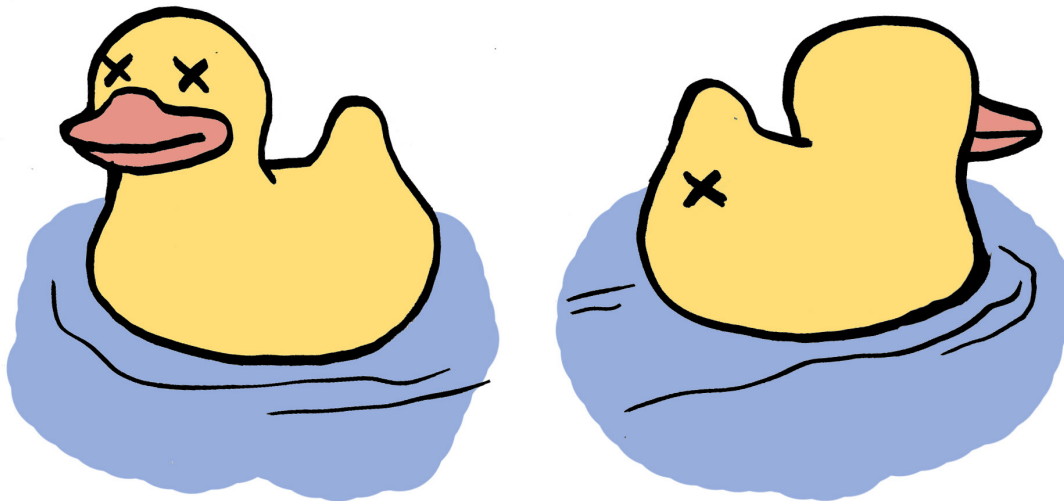
Publicada na Folha de São Paulo: Tiradentes, 14/04/2015.



Publicada na Folha de São Paulo: Michel Magno, 13/09/2016.



Publicada na Folha de São Paulo: Operação Boca-de-urna, 27/09/2016.



ECONOMIA =

OS INDICADORES
NEGATIVOS SÃO
CULPA DA DILMA.

OS INDICADORES
POSITIVOS SÃO
EFEITO TEMER.



... A BOLSA SOBE,
A CONFIANÇA AUMENTA,
O DESEMPREGO
CAI E LÁ FORA
BRILHA O SOL!



